

A UNIVERSIDADE MORREU



The Thing, John Carpenter, 1981

Gostaria de iniciar a minha curta intervenção lembrando o livro *La comunità che viene*, publicado pelo filósofo Giorgio Agamben, em 1990.

Na sua perspectiva, a pequena burguesia planetária é um conglomerado que resulta da dissolução das antigas classes sociais. Herdou o mundo, renunciando ao discurso da identidade popular e nacionalista através do qual procurava elevar o seu estatuto no interior dos estados-nação. Agamben vê-a como a forma através da qual a humanidade se permitiu sobreviver ao niilismo que o século XX instaurou.

Permitam-me uma breve citação do autor:

“A pequena burguesia planetária libertou-se destes sonhos [de falsa identidade popular] e apropriou-se da aptidão do proletariado em recusar qualquer identidade social reconhecível... [Os pequeno-burgueses planetários] conhecem apenas o impróprio e o inautêntico, e recusam até a ideia de um discurso que se lhes adegue. Tudo aquilo que constituiu a verdade e a falsidade para os povos e gerações que se foram sucedendo ao longo de milénios na terra – diferenças de língua, de dialecto, de modos de vida, de carácter, de costumes, e até as particularidades físicas de cada pessoa – perdeu todo o sentido para eles e toda a capacidade de expressão e comunicação. Na pequena burguesia [planetária], as diversidades que marcaram a tragicomédia da história universal são agregadas e expostas através de uma vacuidade fantasmagórica.” (Agamben, 62-63)

A este propósito, também Bill Readings, no *The University in Ruins*, de 1997, discorre sobre o agudo problema da desreferencialização da cultura que afecta actualmente a humanidade e cujas implicações sobre a ideia de Universidade ele vê como “enormous”, no sentido em que tal desreferencialização, e a associada decadência do estado-nação, destruiu a ligação ideológica íntima entre a universidade e a cultura nacional, sua razão de ser desde Humboldt até ao final da guerra fria.

O diagnóstico de Bill Readings é de grande clarividência. Como académico inglês da área dos estudos culturais, ensinando numa universidade canadiana (Montréal), ele encontrava-se em boa posição para avaliar o processo de transformação do conceito e funcionamento da universidade, tal como foi imaginada e desenvolvida na Europa, através da adopção do modelo empresarial que vingou no Estados Unidos da América e agora se expande mundialmente.

A universidade como pilar cultural do estado-nação desmoronou-se com a crise deste face aos processos económicos, políticos e comunicacionais da globalização. Embora Bill Readings não fale propriamente nestes termos – até porque ele julga possível encontrar vias pedagógicas e ontológicas para que os académicos possam sobreviver entre as ruínas da academia -, poderíamos dizer que a universidade, enquanto produtora de sentido (por ilusório que tal actividade tivesse sido ao longo dos séculos), morreu.

Desaparecida a sua razão de ser, enquanto suporte ideológico do estado-nação, e perdidos os pressupostos que justificavam o seu generoso financiamento estatal, a universidade viu nascer do seu interior – como a Tenente Ripley do filme *Alien 4*, ou os companheiros de MacCready no *The Thing* – um dispositivo empresarial assente no princípio do estudante-cliente, na precarização do emprego académico, e na mercantilização do conhecimento e da investigação. O centro decisor da universidade deixou então de ser o corpo académico e a relação docentes-discentes para se deslocar para a função do administrador que, sendo ele a súpula do pequeno-burguês planetário, reinventou a de Universidade de acordo com os princípios do que Bill Readings designa ironicamente a “ideologia da excelência” – uma ideologia vazia de objecto e portanto apta a tudo canibalizar (do ponto de vista do gestor, a excelência da universidade não se distingue da excelência de um parque de estacionamento, por exemplo).

Nesta perspectiva, a busca de excelência, a obsessão da avaliação e dos *rankings* comparativos (confundindo convenientemente responsabilização, ou *accountability*, com contabilidade, ou *accounting*), a compactação dos tempos de aprendizagem, e sobretudo a suprema falácia que é a utilitarização do ensino em função dos requisitos do mercado de emprego, não passam então de dispositivos discursivos e políticos com que as administrações universitárias se vêm dotando para, enquanto empresas capitalistas num mercado globalizado, competir entre si numa desenfreada corrida sem critérios nem ideais.

Morta portanto a universidade, o seu nome e património foi sujeito a uma OPA empresarial. As empresas que se estão agora a implantar por todo o mundo, e em Portugal também, apropriaram-se abusivamente do título de “universidade” por motivos de pura estratégia de marketing. E esta evidência só não é reconhecida pelos académicos porque estes, tal como as células periféricas de um corpo em decomposição após a morte cerebral, ainda não foram devidamente informados da ocorrência. Nem seria esse o interesse ou sequer a função do *Alien*.

Manuel João Ramos

Lisboa, 4 de Julho de 2007